

Anos 30 e 40 em Belo Horizonte: a Dança impressa nos corpos femininos

Elisângela Chaves

Programa de Pós- Graduação em Educação- UFMG

Doutoranda- História da Educação-Orientadora Dra. Andrea Moreno

Bolsa FAPEMIG

Professora da Universidade Estadual de Montes Claros- Unimontes- MG

Ao pesquisar a dança na cultura escolar mineira de 1927 a 1937, no mestrado¹, e atualmente através de outros estudos², pude perceber como ela integra-se a um amplo projeto de renovação social. Assim como outras práticas escolares³, a dança é marcada pela distinção de gênero. Na escola, a manifestação da dança é caracterizada pela educação corporal através do aprendizado de “cortesias”, “posições graciosas”, “ritmo”, da aquisição de “saúde e higiene”, pautada em princípios “eugênicos e estéticos”. Tais questões representam os significados da dança como prática corporal que atendendo às especificidades dos espaços e tempos escolares dos anos 20 e 30 em Minas Gerais, se apropria, seleciona, reorganiza e inventa saberes com o intuito de torná-los objetos de ensino (CHERVELL, 1990, Oliveira, 2006).

Na dissertação de Arnaldo Alvarenga (2002)⁴, ele identifica o trabalho pioneiro de uma professora chamada Natália Victor Lessa, em 1934. O ensino da dança foi introduzido especificamente para meninas, utilizando o espaço de uma escola pública, a princípio, e posteriormente em espaços privados⁵. A identificação⁶ de uma professora como precursora⁶, possibilitou e propiciou a busca da compreensão da dança como um dispositivo de educação feminina nos anos 30 e 40.

A proposta de problematizar a educação corporal feminina através da dança tem o intuito de historicizar às manifestações de dança que aconteciam em Belo Horizonte com

¹ CHAVES, Elisângela. A escolarização da Dança em Minas Gerais (1927-1937), Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2002.

² ALVARENGA, Arnaldo Leite de. Dança moderna e educação da sensibilidade: Belo Horizonte (1959-1975), 2002. CAMPOS, Marcos Antônio Almeida. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977), 2007. SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra!* A história do Ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994), 1994. VELOSO, Geisa Magela. A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938), 2008. NASCIMENTO, Kelly Cristina. *Entre A Mulher Ideal E A Mulher Moderna: Representações Femininas Na Imprensa Mineira - 1873-1932*, UFMG, 2006. SILVA, Giovanna Camila da. A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para escolarização da Educação Física no Estado, 2009.

³ Refiro-me a algumas práticas curriculares como os exercícios físicos, canto, trabalhos manuais.

⁴ Cabe ressaltar que apesar desta sinalização, a pesquisa não tem nenhuma relação com a escola ou processos de escolarização e sua periodização é cronologicamente posterior.

⁵ O curso Natália Lessa inicia suas atividades no salão Nobre do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Segundo seu irmão Nelson Lessa, o espaço foi cedido a ela gratuitamente. Relato em entrevista. 03/10/2001, Centro de estudos mineiros- Programa de História Oral. Ainda não foram identificadas informações sobre por quanto tempo o curso permaneceu em funcionamento neste local.

⁶ Identificamos aqui a professora Natália Lessa como um expoente histórico, o que não significa que não reconheçamos a possibilidade de outros sujeitos como parte deste contexto, tanto junto a ela quanto em outras iniciativas. Até o momento, ainda em fase de identificação de fontes, a trajetória desta professora tem sido um elemento orientacional para compreensão do objeto desta pesquisa.

fins educacionais, voltados para o sexo feminino nesta localidade profundamente marcada pela intenção do novo, do moderno, mas também pela conservação da tradição⁷.

Nessa cena de disputas sociais e culturais na cidade entre a modernidade e a tradição, as manifestações de dança em Belo Horizonte até meados da década de 30 se distribuíam em duas direções: as manifestações sociais, ligadas aos ritos sociais e programações artístico culturais e as manifestações escolares, pertencentes a instrução pública, a escola formal. Uma terceira manifestação surge então, através desta mulher, que inicia em 1934 uma escola especializada, uma alternativa pedagógica específica para o ensino da dança. Um espaço educativo, sob a égide do Estado, mas privado e destinado somente a educação corporal de meninas.

Um artigo da Revista Alterosa (1939) nos propicia alguns indícios desta prática:

UMA ESCOLA DE SAÚDE, ARTE E BELEZA: CURSO NATÁLIA LESSA⁸

Belo Horizonte, a exemplo do que acontece nas grandes capitais, conta também com uma escola de saúde, arte e beleza – Curso Natália Lessa.

[...] O “Curso Natália Lessa”, sem nenhum favor, realiza obra de verdadeira brasilidade, preenchendo, desde há muito, uma grande lacuna que existia na capital.

Com aulas de ginástica, dansas clássicas, típica e regional; e sapateado, ensina a meninas de 3 e 12 anos de idade.

Belo Horizonte tem assistido, ultimamente, a espetáculos de rara beleza e graça, proporcionados pelas alunas desse curso. Ritmo e beleza, encantamento e raça, é o que temos presenciado, em diversas oportunidades, nas belas exibições que o “Curso Natália Lessa” tem oferecido à nossa sociedade.

Os clichês que ilustram estas notas, dão-nos uma idéia bem expressiva da educação física que a senhorita Natália Lessa proporciona, com notável eficiência, á infância da Capital [...].

A partir do título que associa seu trabalho à promoção da saúde, do vigor físico e do embelezamento das formas corporais, este artigo resume algumas diretrizes do trabalho de Natália, uma centralidade não na abordagem artística da dança, mas sim na “*expressiva educação física*”, “*verdadeira brasilidade*”, “*ritmo, beleza e encantamento da raça*”. Claras influencias dos princípios higienistas e eugenistas.

A dança impressa nos corpos femininos, aqui tematizada provem e é provida de singularidades e coletividades influenciadas por este contexto. A ambiência, o corpo, a feminilidade, a dança, processos de educação em uma dada direção, que exigem uma abordagem polissêmica, que possibilite uma aproximação das traduções das tramas.

⁷ José M. de Carvalho (1999) argumenta que o regime surgido após 1930, assumiu um programa de modernização conservadora. Para além das resistências sociais às inovações, a própria concepção imposta por militares e técnicos, desconsiderava a dimensão da iniciativa individual e o mecanismo de controle desta modernização era solucionado com o autoritarismo. A força da tradição não se revelava somente nas resistências ao que se considerava moderno, e que eram muitas coisas neste momento, mas também na reação às interferências do cotidiano, sobretudo da vida doméstica. Os padrões de moralidade familiar eram fortes e rígidos, especialmente os aplicados às mulheres.

⁸ Revista Alterosa, 1939, ano I, n.4.

Teria a dança respondido a uma urgência histórica? Essa indagação nos aproxima de um ponto da caracterização foucaultiana de dispositivo. O ensino da dança para meninas neste recorte, nos parece dispor de um conjunto articulado de possibilidades específicas que permitiram a emergência de uma noção de feminilidade (MARCELLO, 2009; DELEUZE, 1996).

Por tanto, analisar o contexto e as circunstâncias que possibilitaram que a dança em Belo Horizonte, fosse selecionada como prática corporal educativa feminina nos fornece um dispositivo de urgência histórica, uma ação pedagógica para educar a feminilidade.

Os anos 1930 no Brasil dão origem a um processo revolucionário da política nacional. Em Belo Horizonte a vida cultural e educacional se intensificou. Requintes culturais eram divulgados a todo tempo, concertos, óperas, peças teatrais e casa de espetáculos. E a instituição escolar talvez seja o traço de modernidade de maior investimento humano em Minas. A escola, como lócus civilizatório, deveria produzir, através da educação, a sustentação deste ideário e manter comunicabilidade social com a cidade por múltiplas formas⁹.

Esta interlocução entre cidade e escola, firmou uma relação compartilhada de ideais em prol de um objetivo comum: modernizar, desenvolver e civilizar a população. Um período de reformas, individuais e coletivas, de idealização da sociedade brasileira moderna¹⁰.

O Estado Novo mantinha o discurso de racionalização produtiva e eficiente, junto à necessidade de higienizar e exercitar os corpos. Há um empenho em concretizar ações no campo das práticas corporais e esportivas. Dialogamos com Taborda de Oliveira (2007), em relação à dimensão particular que as práticas corporais assumem em determinados momentos na história da educação. Carmem L. Soares (2006,p.110) analisa que,

Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento. Uma educação que se mostra como face polissêmica e se processa de um modo singular: dar-se não só por palavras, mas por olhares, gestos, coisas, pelo lugar onde vivem.

A dança se apresenta como um destes meios, que teve em Belo Horizonte a partir da década de 30, uma escola especializada, que pode ter sido um pólo disseminador de

⁹ MORENO, Andrea & SEGANTINI, Verona C., 2008. p.7 ,defendem que: (...) tanto o espaço escolar, como os saberes e práticas nele difundidos, são fundamentais para uma educação do corpo e dos sentidos para se fundar novas sensibilidades. Nessa perspectiva, o projeto civilizador, que abarca não só os corpos “escolarizáveis”, investe na constituição de um novo/outro sujeito adequado ao *modus vivendi* da cidade, fundando-lhes novas sensibilidades. Nesse caso, os sujeitos escolares são também, e antes de tudo, sujeitos habitantes da cidade.

¹⁰ NUNES, Clarice. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: BENCOSTA, Marcus L.A.(org.) Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

parâmetros modernos, científicos, estéticos e higiênicos, para formação das meninas, vistas como modelos de apreciação das aspirações femininas de seu tempo.

A educação feminina, nesse período, apresenta-se relacionada com a saúde e a moral, uma definição clara de sua posição social, em que a maternidade era o horizonte desejável para o sexo feminino. O papel da mulher na sociedade passava por revoluções influenciadas pelos hábitos modernos incorporados dos países europeus, nos quais a formação cultural feminina também recebeu estímulo. Como apresenta Silvana Goellner (1999), em sua tese o desejo feminino deveria se resumir em: Ser Bela, Maternal e Feminina.

Como melhor educar a mulher enquadrava múltiplas tensões, em um período de grandes discussões sobre as práticas corporais. A diversidade esportiva foi um atrativo de grandes impactos e polêmicas sobre as conseqüências destas práticas no corpo que se almejava feminino. Para os defensores tradicionalistas dos atributos frágeis e delicados que devotavam ao sexo feminino, a dança era uma das atividades¹¹ mais adequadas e “segura”.

Orlando Rangel Sobrinho, em seu livro *Educação Physica Feminina* (1930), apresenta várias questões em relação à educação física da mulher,

[...] Não querendo desmerecer o valor intellectual da mulher, que já tem attingido os mais altos postos em todas as manifestações do saber humano, pode-se afirmar que o bem estar feminino reside mais nos seus dotes physicos¹².

[...] Com os seus bellos e suaves movimentos rythmicos, a dansa educa poderosamente os sentimentos, concorrendo, tambem, para a formação de um corpo harmônico e perfeito. O rythmo e a musica completam a dansa, emprestando-lhe precisão, encanto e uma particular attracção.¹³

Em 1937, já no Estado Novo, o Ministro da Educação e Saúde do Estado Novo, Sr. Gustavo Capanema esboça as diretrizes adotadas pelo governo sobre a educação feminina.

[...] se o homem deve ser preparado com têmpera de teor militar para os negócios e as lutas, a educação feminina terá outra finalidade que é o preparo para a vida do lar.(...) Ora, é a mulher que funda e conserva a família, como é também por suas mãos que a família se destrói. Ao Estado, pois, compete, na educação que lhe ministra prepará-la conscientemente para esta grave missão¹⁴.

Silvana Goellner (1999,p.163) destaca como a *Revista de Educação Physica* neste período menciona a dança como atividade de caráter feminino, portanto, arte própria para as mulheres.

¹¹ Além da dança também a natação, o tênis, a gymnastica eram atividades ditas seguras, recomendadas por médicos, intelectuais e professores que escreviam sobre o assunto nos periódicos, jornais e livros.

¹² RANGEL SOBRINHO, Orlando, 1930, p.26 - 27. O autor era tenente- coronel, advogado e químico.

¹³ RANGEL SOBRINHO, Orlando, 1930, p.109.

¹⁴ Gustavo Capanema. Conferência proferida por ocasião do centenário do Colégio Pedro II, 2 de dezembro de 1937.GC/Capanema, Gustavo,02.12.37, série pi., apud, Schwartzman, 2000, p.123

Dizer historicamente sobre apropriações, ressignificações e interpretações da dança nos exige uma ampla compreensão da experiência sensível do corpo que dança, do olhar sobre este corpo e das impressões e notícias que se produzem sobre esta manifestação. Trata-se de uma análise tensionada entre a dança e a feminilidade, a educação corporal, a educação estética (sensibilidades), o nacionalismo (Estado Novo), e os primórdios do ensino da dança em Belo Horizonte. Que dança é esta recomendada à feminilidade? No acesso aos artigos, fotografias, notas, relatórios, programas de ensino e relatos é que estamos buscando constituir a ampliação de um *corpus* de informações em circulação no período que nos aproxime dos sentidos e significados das manifestações de dança, sua ambiência, seus objetivos, suas metodologias e seus seguidores na busca da produção de uma feminilidade impressa através da dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVARENGA, Arnaldo Leite de. Dança moderna e educação da sensibilidade: Belo Horizonte (1959-1975). Belo Horizonte: UFMG, 2002. Dissertação de mestrado.
- BAHIA, Claudio L. M. Revista do Arquivo Público Mineiro. 2007.
- BURKE, Peter. Abertura: A nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CAMPOS, Marcos Antônio Almeida. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977). Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte- MG: Fae/UFMG, 2007.
- CARVALHO, José Murilo. Pontos e Bordados. Belo Horizonte – MG: Editora da UFMG, 1999.
- CHACHAM, Vera. A memória urbana entre o panorama e as ruínas: a Rua da Bahia e o Bar do Ponto na Belo Horizonte dos anos 30 e 40. In: DUTRA, Eliana de Freitas(org.)BH: horizontes históricos. Belo Horizonte: C/Arte, 1996.
- CHAVES, Elisângela. A escolarização da Dança em Minas Gerais (1927-1937), Dissertação de Mestrado em Educação. Belo Horizonte-MG: UFMG, 2002.
- CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n.2, p.177-229, 1990.
- DELEUZE, Gilles. Que é um dispositivo? In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson flor do nascimento. 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais. 1989.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. História das mulheres: considerações teórico-metodológicas acerca do fazer historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 14., 2005,

Porto Alegre. Anais Porto Alegre: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005.p. 2594-602.

GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
HANNA, Judith Lynne. Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MORENO, Andrea, SEGANTINI, Verona C. Sentidos e sensibilidades: a educação do corpo na Escola Normal modelo da capital (Belo Horizonte, 1906-1930). Anais do XVI Encontro Regional de História, ANPUH- Minas Gerais, FAFIHC- UFMG, 2008.

NASCIMENTO, Kelly Cristina. Entre A *Mulher Ideal* E A *Mulher Moderna*: Representações Femininas Na Imprensa Mineira - 1873-1932. Dissertação Pós-Graduação em História, UFMG, 2006.

NUNES, Clarice. Dilemas da modernidade latino-americana: autoria feminina e discurso pedagógico. In: Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. Educando pelo corpo: saberes e práticas na instrução pública primária (finais do séc. XIX, início do séc. XX). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar em perspectiva histórica. São Paulo: Cortez, 2007.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (org.). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M. B., COSTA, Vanda M. R. Tempos de Capanema. São Paulo: Paz e Terra: FGV, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). *Corpo e história*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. p. 109-130.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane M. T.(Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FONTES

REVISTA DO ENSINO. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927.

MINAS GERAIS. Decreto n. 3.405 – 15 de janeiro de 1912. Aprova o programa de ensino dos grupos escolares e demais escolas públicas primárias. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1912.

MINAS GERAIS. Decreto n. 8.094 – 22 de dezembro de 1927. Aprova o Programa do Ensino Primário. Coleção das Leis e Decretos do Estado de Minas Gerais. Vol. III. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1928.

Jornal Correio de Minas. Belo Horizonte-MG, 13 de maio de 1927.

Jornal Diário de Minas. Belo Horizonte-MG, 13 de maio de 1927.

Revista Alterosa, 1939, anol, n.4.

Entrevistas - Centro de Estudos Mineiros, Programa de História Oral- Projeto Integrado
"Vozes de Minas", sub projeto: *A fala da Dança*, Entrevistador: Arnaldo Leite de Alvarenga.